CARDILLO FILHO

RONDA INTERIOR

A Murillo Araujo:
sonoro carrilhão da
Cidade de ouro, singela-
mente offerece,

Cand.º [illegible]

Rio, 30/1/26

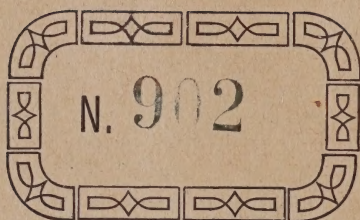
CARDILLO FILHO

RONDA INTERIOR

CARDILLO FILHO

RONDA INTERIOR

1925

Nossos exemplares serão numerados e rubricados pelo autor.

A MINHA MÃE QUE ME
ENSINOU A SOFFRER.

A MEU PAE QUE ME
ENSINOU A LUCTAR.

N'écrire jamais rien qui de soi ne sortît,
Et modeste d'ailleurs, se dire : mon petit,
Sois satisfait des fleurs, des fruits, même des feuilles,
Si c'est dans ton jardin à toi que tu les cueilles !
Puis, s'il advient d'un peu triompher, par hasard,
Ne pas être obligé d'en rien rendre à Cesar,
Vis-á-vis de soi-même en garder le mérite,
Bref, dédaiqnant d'être le lierre parasite,
Lors même qu'on n'est pas la chêne ou le tilleul,
Ne pas monter bien haut, peut-être, mais tout seul !

(E. ROSTAND)

Ah! Quando cerro os olhos para a vida
e os abro dentro em mim para pensar,
vislumbro a grande ronda dolorida
de luzes e de sombras a rondar . . .

NO VESTIBULO

Estas rimas que fiz não valem nada;
são farrapos de dôr e de vaidade;
trazem talvez o pó da minha estrada
e . . . um pauco de mentira e de verdade!

Os que conservam a alma delicada
serão magoados pela realidade
que vive em cada linha enclausurada . . .
Meus dezoito annos! Minha eternidade!

Que tortura da idéa! Nem fluctúa
por sobre a forma, como faz a lúa
nos lamaçaes calados e perversos! . . .

Mal ouvireis uns gritos abafados,
cavernosos, rebeldes, enjaulados
entre as grades geladas destes versos.

RONDA
DAS
LUZES

AOS MEUS IRMÃOS

POR TODAS AS LAGRYMAS
E TODOS OS SORRISOS QUE
DIVIDIRAM COMMIGO

Arde o braseiro explendorosamente ! . . .
A alma verde dos troncos, forasteiro,
dilúe-se na ciranda incandescente . . .
As faúlhas agonicas irão
tacteando anciadas o negror,
emissarias da immensa combustão
ateada nas selvas pela dôr.
Balsas de luz, ah ! lagrymas tão quentes
tão quentes que terás, ó forasteiro,
uns sorrisos de gelo, indifferentes,
para apagar o pranto do braseiro . . .

BENDIÇÃO

No berço eu aprendi que o mundo é trahiçoeiro,
que é máu, que é vingativo, egoista e bestial;
que os homens (infernaes asséclas do dinheiro)
os olhos têm de lama e as almas de metal;

que a vida é como infame e rustico espinheiro,
ou, torpe, ensanguentado, horrivel lodaçal,
que alenta em podridões desde o ultimo ao primeiro
por entre bacchanaes da Dôr, do O'dio e do Mal;

que os cyclos são eguaes; a esphynge é sempre seria,
não conta aos que vêm vindo as maguas dos que vão,
de olhos a refulgir nas trévas da materia.

Porém, sempre bemdigo o Deus da creação,
por ver o amôr brilhando em meio a tanta léria
e em meio a tanta lama achar o coração!

A CRUZ DE PEDRA

Tarde serena, feita de crystaes...
Pousam na fimbria tôsca dos beiraes
as andorinhas, sofregas, ligeiras;
Voltam alegres, bandos de lembranças,
a saltitar no chão como esperanças,
a tremular no céo como bandeiras!

Faúlhas grandes e ébrias das queimadas,
bailam no espaço e bordam as estradas
em que passou o Inverno triste e velho...
Notas sem fim de um orgão de granito
esparzindo no azul bello, infinito,
um punhado de crença e de evangelho!

Pousam tambem no antigo cemiterio,
na placidez do lucto humilde e serio
a traçar irrequietas correrias;
e, depois, abraçadas a um cruzeiro
com um beijo de paz, alviçareiro,
enchem de vida e luz as pedras frias.

Pobre cruzeiro! Só, abandonado,
meio cahido, estatua do passado,
braços abrindo para o firmamento
emquanto em volta o cardo bravo medra...
Sonho de crença transformado em pedra,
vóz da saudade feita esquecimento!...

Vem a noite.... Uma noite toda cheia
de luzinhas no céo, e, sobre a areia
como pharóes fulguram os cascalhos,
emquanto a cruz granitica, nas trevas,
fita o Cruzeiro junto ás grandes levas
de estrellas, presas a invisiveis galhos...

As andorinhas vão partir! Que dôr
não sentirão as tumbas ao albôr
vendo fugir aquellas visitantes?!
Ficarão tristes, sós, e, mais um anno,
cheias de nada, a arfar de desengano
esperarão os séculos de instantes!...

Immovel, fero, no ermo da campina,
fica o cruzeiro inda guardando a ruina
e umas lembranças prestes a sumir...

Mas, quando a luz se despenhou do monte
e as azas negras lá, sobre o horizonte,
principiaram tenues a fugir,

as pedras toscas, frias, carroidas
foram cahindo como que impellidas
por mão segura, arcana, mysteriosa!
(O cemiterio cheio de tristeza,
era um contraste em meio á natureza
na madrugada feita de oiro e rosa!)

Numa postura rigida, severa,
renunciadôra, lenta, heril, austera,
como oração á morte esfez-se em luz...
. . . .
O bando de azas pela immensidade
ia, e, nunca soube que a saudade
dilacerára fibra a fibra a cruz...

A ESTRADA

Senhor, Senhor, que via illuminada!
Sobre tudo o céo é um pallio aberto,
e o Sol é uma flor escancarada
num perfume de luz vogando incerto!

As montanhas se vão em desfilada
como atalayas rudes do deserto,
e, dansa-me no olhar a chammarada
de tudo que está longe e... que está perto...

A crença doura os páramos distantes
e passa na minha alma a caravana
dos felizes, dos bons e dos amantes!

Avulta intensamente a claridade!...
Esta estrada grandiosa, soberana,
é, amigo, o caminho da Amizade.

FAÚLHA...

Quem faz os versos que digo ? !
Si sou eu ? ! Creio que não...
No mundo (rico ou mendigo)
só faz verso o coração.

EXTASE

Mudos, olhamos longe o azul, doce, infinito,
crepusculando... A noite aos poucos se annuncia;
do bosque a tarde arranca a ultima harmonia,
e, morre no silencio o derradeiro grito.

Nos braços do negrôr a côr lenta, agonia;
vão desapparecendo os montes de granito...
Amedrontado, inerme, a estertorar, precito,
o mundo se amortalha e espera um novo dia.

Só nós temos o olhar vogando no relento
quaes doidas, phantasmaes, e errantes borboletas
já cegas de bailar á luz de algum tormento...

E pela sombra o nosso olhar vogando só
parece incendiar de labarêdas pretas
um mundo de illusões que o tempo fez em pó....

ÁRIA TRISTE

Sabiá doce e singelo
que cantavas noite e dia
na mangueira frondejante
todo amôr, todo alegria!

Sabiá das horas mortas
e das folhas amarellas,
sabiá dos galhos seccos
e das cantigas singelas!

Esperei-te um dia inteiro
naquelle mesmo logar
á sombra da tal mangueira
tão florida e secular...

Não viéste, não virás;
na côma heril dos palmares
tiveste a tumba encantada
para guardar teus cantares.

As palmas serão harmoniuns
que nas horas vesperaes
repetirão os accordes
dos teus threnos, dos teus ais...

No grito immenso dos ventos
terei um pouco de ti,
e... um écho das tuas queixas
ficou commigo, está aqui...

E, emquanto de ti me lembre
num exquisito nirvana
olvidarei que commigo
vem toda a miseria humana...

AUTO-ORAÇÃO

Eia ! Marcha tranquillo em meio aos vendavaes !
No peito—o sonho enil do bem e da verdade !
Nos labios—o perdão, o amôr, e, nada mais;
caminha, pensadôr, guiando a humanidade !

Si o mundo te ferir com ódio e com maldade
sorri mais uma vez, porém, jámais, jámais
procures te vingar... Vê com sinceridade,
os bons têm, como tú, os mesmos ideaes !

Olha ! Não semear as sombras na campina,
nem pela noite escura andes a trabalhar
que a sombra que brotar só sombras te propina;

mas, sim, váe atirando ao longo das estradas
grãos loiros d'essa luz que póde confortar,
e, após, vêm na colheita os sóes e as alvoradas...

PEÇO-TE...

Tú chegas sempre a mim envolta em oiro!
As tuas mãos de pallido jasmim,
o brilho heril do teu cabello loiro,
e os teus olhos azúes vêm sempre a mim...
Queres partir?!... No thálamo da alfombra
deixa-te ainda mais um pouco estar,
pois, quando partes, fica tudo sombra,
o sol glorioso ou o dulcido luar...

Olha o infinito; o vinho azul, tão doce,
transborda de taças de crystal,
e, olhando-o assim, é como si isto fosse
um immenso banquete nupcial!...
As nuvens como candidas grinaldas
estão presas aos montes... Longe, o mar
sacóde um rico manto de esmeraldas
e vagas—contas soltas de um collar!...

Fiques sempre commigo, meu amôr,
e, quando não pudéres mais ficar,
vê si levas tambem este amargôr
do vazio que fica em teu logar...

A FLÔR

Viveu um dia, bella, soberana!

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

E tinha um pouco da vaidade humana...

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

Ao sol primeiro... Adeus, vaidosa graça!...

E despresada, viu-se a flôr sósinha,
abandonada á sanha da desgraça
como a illusão que acalentado eu tinha...

POSTAL Á LUA

E quando negro, ululando,
passar o vento berrando
pelo tronco da illusão,
faz dos teus raios colchetes
ou divinaes alfinetes,
prende os sonhos que se vão!

O BÁILE

Rodopiam a rir pelo salão
numa orgia de luzes e de flôres,
rosto no rosto, a mão presa na mão,
os pares todos . . . Cheio de fulgôres

o lustre como um sol espia o chão;
parados, embebidos, scismadôres
outros julgam vêr nesse turbilhão
um bailado de risos e de dôres.

Tudo dansa: as janellas, os crystaes,
numa dansa de sons e de arrebóes
a dansar, a dansar sem parar mais . . .

———

No meu craneo ha o baile incandescente
das idéas, das sombras e dos sóes,
bem maior do que o baile desta gente...

EU SOU...

Folhas farandulando a cirandar...

Passa o vento berrando... A mattaria
estremece num fremito de dôr
e se inteiriça, e geme, e se agonia
erguendo os braços nús, cheios de horror
pelo ar...

As cigarras, coitadas, estacaram...
Inda ficava a nota derradeira
estrangulada, e o écho das que cantaram
ao luar,
como si fôra funebre bandeira
cobrindo um batalhão a agonisar...

—

Que silencio! A matta está dormindo
no seu leito de folhas amarellas,
sob um pallio de estrellas, e, sorrindo
ao luar...

Mas, os galhos se altema desnudados!...
As folhas, sós, no chão .... ah! tão distantes
tão distantes dos galhos contristados
pelo ar!...

Tambem sou uma folha a cirandar
numa vida agitada, desigual,
pelo chão, pelo céo, sem descançar,
tão distante do galho do ideal!...

Tambem sou uma folha a cirandar....

CIRCULO

Primavéra das flores, das canções,
de cantos a cobrir os laranjaes,
em que bebem sorrindo os corações,
lindos sonhos em limpidos crystaes . . .

O Verão dos ardentes madrigaes
nas florestas . . . Cantigas de chorões
e cigarras; e tudo cresce mais
pelas tardes de lucidos clarões . . .

Morno Outono das ultimas lembranças,
em que os coqueiros áflam e as creanças
cantam e gemem hymnos ao luar . . .

Tardo Inverno dos tristes e dos velhos,
em que os gritos de dôr são evangelhos
no silencio das noites a boiar . . .

CALMA...

O silencio ergue os braços nús, sem fim
na penumbra do quarto em que medito
e a procissão dos sonhos vem a mim
pelas aléas brancas do infinito...
As idéas volteam radiosas
como pennas de luz numa ciranda,
e se abrem como pétalas de rosas
os teus olhos brilhantes de guirlanda...

Cresce o silencio e a sombra em torno desce
como um bando de pássaros cansados...
A flôr da tarde dulcida fenece
entre os dedos da noite... Os povoados
accendem seus olhos coruscantes
tendo os montes por palpebras, e anda
pelo céo um poema de brilhantes
e... a calma dos teus olhos de guirlanda...

Desce a noite sombria na minha alma,
cheia de horror, na atávica ciranda....
Ah! si me desses a immutavel calma
desses teus futeis olhos de guirlanda!..

Á DECAHIDA

Não a maldigo... Ella é tão fraca e bella!...
Tem nos olhares a centelha morta
de um sonho bom que lhe bateu á porta
e as azas brancas enfunou sem ella...

Quando a diviso sobre a vil janella,
minha alma sangra, o coração me corta,
pois, me parece ouvir dizer: «Que importa!»
e, isso me punge e a complacencia géla.

Mas, inda assim, não a maldigo e odeio;
tenho por ella um mixto de receio,
de compaixão, de perennal tristura...

Pois, que mal fez? Si ella tombou na vida
foi a illusão que lá ficou, perdida,
no cadafalso de uma atroz ventura!...

FAÚLHA...

Vario assim, feliz ou infeliz,
da canceira infinita do que fiz
ao desgosto sem fim do que não fiz...
Vario assim, feliz ou infeliz...

HISTORIA ANTIGA

Quazi nada de mal me fez tua maldade,
o teu modo tão vario, a tua acção tão rude;
inda estou a vagar pela serenidade
dos meus dias de dôr e eterna solitude!

Jamais me queixarei da atroz realidade!
Procurarei tirar da minha amaritude
o passado florindo em sonhos de bondade,
teu passado tão bello e cheio de virtude!

Tambem, muito embóra os annos que passarem,
inda eu recordarei o teu encantamento
no perfume subtil das cousas que ficarem...

Foste com esperança em um melhor porvir,
mas, vejo que inda tens os mesmos soffrimentos.
e... rio de te ver... e... chóro de me rir...

VERTIGEM...

Corre a pendula depressa
intermittente, cantante ;
bate, range peça a peça
numa doidice anciante...

Os ponteiros somnolentos
de vagar vão caminhando,
levando as horas, levando
muitos presentimentos
em tantálicos martyrios...

Em attitudes tranquillas
tú pões em mim as pupillas
que illuminam como cirios !..,

Ah ! si eu pudesse parar
a pendula buliçosa,
e os ponteiros segurar
neste instante côr de rosa !

***

Mas a pendula de préssa
célere, célere, avára,
está correndo e não pára
rangendo de peça em peça
em nevroses e delirios.,.

Em attitudes tranquillas
tú pões em mim as pupillas
que illuminam como cirios...

RETALHO DE ALMA

Tristeza amarga! Adeus alacridade!
Passei por ti qual lesto peregrino
a desprezar-te no verdôr da edade
sem escutar o teu grandioso hymno.

Passei sonhando em busca da verdade...
Loira creança... pobre e vão menino...
Só tenho agora um pouco de saudade
na lassidão sem fim do meu destino.

Váe-se-me enchendo a vida gotta a gotta
de fel, de horror, de cardos e de espinho,
e me constrange uma desdita ignota!

Mas, o que dóe é ser assim sósinho...
Ter tanto tédio dentro da alma rota
e... ser tão longo e sáfaro o caminho!...

HISTORIETA

Por sobre o encanto dos prados
uns colibris descuidados
viviam ébrios de amôr.
Bellos, verdes, pequeninos,
desde os raios matutinos
voavam de flôr em flôr...

O Verão passavam rindo
na Primavéra fruindo
as delicias da ventura...
No Outono sobre as verbenas
roçavam de leve as pennas
todos cheios de ventura.

Chegava o Inverno enfadonho;
ao despertar deste sonho
de immensa felicidade,
a companheira mimosa
hirta, em cima de uma rosa
ficou... ó fatalidade!...

O beija-flôr buliçoso
procurou de pouso em pouso
a querida companheira,
e, depois de a ter achado
matou-se desesperado
nos espinhos da roseira.

Desde então dentro das flôres
espiram os beija-flôres
num leito fôfo e tranquillo
deixando o bico de fóra,
porém, toda gente o ignora,
o biquinho é o pistillo!...

FADARIO

Choram guitarras... geme a ventania
nos socavões dos ingremes outeiros!...
Que noite feia a noite de invernia,
que canto triste o canto dos pinheiros!

Meu Deus, meu Deus, que tétrica harmonia!
Nos carrascaes ha pobres viageiros;
aves implumes sem a luz do dia,
que farão ellas pelos espinheiros?

Viúvas tristes, vis, esfarrapadas,
sém ter nem pão a dar aos seus filhinhos,
que farão loucas, sós, pelas estradas?

—

Ruja o trovão e o raio ande a matar,
os homens levarão pelos caminhos
a cruz do seu martyrio millenar...

CANTO CHÃO

Medalha antiga de prata
presa a um cordão feio de astros
a lúa meiga desata
seus novellos de alabastros...

—

Pobres romeiros! Vós ides
cantando velhas cantigas
emprehender as mesmas lides
d'aquellas gentes antigas!

Por premio tereis sómente
um pouco de esquecimento,
uma saudade no vento,
e... mais nada em toda a gente!...

—

A lúa, gotta franzina
d'agua, foge ao açoite
da branda luz vespertina
sobre a redoma na noite...

AS BRANCAS ILLUSÕES...

As brancas illusões são amphoras vasias
que os homens vão tocar em louca anciedade,
querendo transformar os seus infames dias
com sonhos de prazer e de felicidade.

Vemos sempre a sorrir numa infantilidade
o lyrio despertando, o goivo em agonias;
a crença para além do humbral da eternidade
arranca ainda um poema ao pó das lages frias!

O tremulo ancião, o jóvem, a creança
respiram o perfume eterno da esperança
e esquecem a toda hora uma desillusão!...

—

Bendicto seja o mundo, a vida, o encantamento,
bendicta seja a crença, e, seja o esquecimento
bendicto quando apaga a dôr do coração!...

MOMENTO LYRICO

Ah! dentro de nossas almas
que luz, que ressurreição!
Eu vejo o teu coração
junto do meu palpitar!...
Como pancadas de remos
d'uma gondola doirada
os pingos em desfilada
sob a janella fechada
vão cahindo devagar...

Deita a cabeça cansada
sobre o meu peito, repousa,
junto de ti cada cousa
tem uma historia a contar...
O vento é bom gondoleiro
e essa gondola indolente
vae andando indifferente
sob o remo intermittente
do chuvisco irregular...

Mas, ó creança, cautela;
essà gondola que passa
traz uma ignota desgraça
para os que a querem tomar!
Oh! Não abras a janella!
O sonho—gondola antiga—
não se vê não, minha amiga,
ouçamos sua cantiga
sem o querer espiar...

VELHA LEGENDA

Tú vieste depois, quando a tardinha
descia pela encosta tropeçando
nos cabeços dos montes, e, achegando
ao corpo nú um manto de rainha . . .

Tú vieste depois, bella, sósinha,
de alma errante e triste, mendigando
a esmola de um sorriso aberto quando
dentro em mim a noite immensa vinha...

Porque tardaste tanto, tanto, tanto ?
No oceano de tédio circunstante
eu puz a última gotta de meu pranto !

Chora por mim agora, que estes guisos
de cansado jogral, a cada instante
das convulsões de dôr fazem sorrisos !...

CONFISSÃO

«Cresci e andei em busca de fortuna
pelos palacios, pelos lupanares
onde impéra o dinheiro, minha escuna
cruzou em bacchanaes por sobre os mares;

instrui-me tambem na errrante duna
de areia da sciencia, meus pensares
procuravam a grande synthese una
da vida, da materia e dos altares;

fui poeta e cantei a natureza,
o riso, o soffrimento em flebeis hymnos
cheios de amôr, de sonho e de belleza;

o meu pranto em crystaes raros e finos
cahiu, e... não valia na grandeza
a lagryma vulgar dos pequeninos.»

FAÚLHA...

Gloria ! Gloria ! Visão do caminheiro !
Quantas vezes sonhei que o teu roteiro
seria eternamente a minha estrada ?!

E estes versos que fiz, que valerão
si são somente a crystallisação
d'umas sombras de sonhos e... mais nada ?!

RONDA
DAS
SOMBRAS

A MIM MESMO

Forasteiro, forasteiro,
não brilha á noite o braseiro,
terminou a combustão!
Empresta á cinza apagada
um pouco da luz doirada
que trazes no coração!...

Mas, que vejo!? Fica lama
a cinza escura que a chamma
abandonou sobre o chão?....
Em vez de sóes immortaes
retinhas pranto em caudaes
no fundo do coração!

Vem, ó triste forasteiro,
apanha nesse cinzeiro
com teu ar indifferente
. . . .
. . . .
um pouco de cinza quente...

O GRANDE LIVRO

Noitada brava e má... passam gemendo
as procissões de folhas pelo vento!
Nenhuma luz! Eu, tremulo, accendo
duas recordações no esquecimento

que rodea meu cerebro, e, vou lendo
o livro extenso do meu soffrimento.
Meu egoismo escreveu-o assim, querendo
como esmóla dos homens um lamento!...

Leio e releio... as phrases calculadas
mal conservam vestigios das jornadas
que emprehendi... a velha gamma

das lontejoulas vive no meu pranto,
e, diz muito de mim a cada canto,
só não diz que sou homem e... sou lama!...

CREPUSCULAR

As arvores são tétricas ossadas
que se erguem núas, sós, escalavradas,
como um doido e invencivel esquadrão
de desgraça, de fome e de miséria...
Os lagos (verdes charcos de matéria)
espreitam o céo como olhos do chão.

O vento como um negro, infame abutre
que terrivel, indomito, se nutre
do cadaver da terra, indifferente
enterra suas unhas retorcidas
e após retira-as bebedas de vidas
das entranhas do mundo incandescente!

—

O abutre do craneo é o pensamento,
e o craneo é ancia, é lava, é soffrimento!..

VASIO

Não pára de chover; como esguichos de pús
a lama — sangue pôdre — escapa d'uma arteria
do mundo; a tarde em noite aos poucos se reduz...
Impéra a solidão mais lúgubre e cinérea...

Eu sinto dentro em mim a ronda da materia
clamando contra o jugo intermino da cruz
que alço para o Calvario annoso da miseria
por invios tremedaes sem pousos e sem luz!...

Mergulha-se no atroz horror destes crepúsculos
o mundo todo em torno, e, ficam-me nos músculos
impetos de correr em busca de um remédio...

E, dentro do meu peito, a ronda se estraçalha,
até que, extenuado, eu tombe na mortalha
cinzenta, ensuarada, horrivel do meu tédio!...

CINZA

O carrilhão da chuva está chamando
os tristes e os amantes á janella...
No tan-tan alto, baixo, agudo, brando,
ha uns soluços... Humida e singela
a aurora fecha os olhos das estrellas...
As gottas vão correndo em lagrymaes
e cochicham baixinho por contel-as
as folhas, no zoar dos pinheiraes!...

LEI ETERNA...

Nascemos suspirando... A dôr nos móra á porta
e véla a escancarar os olhos de megéra.
Em tudo a pouco e pouco dolorido aborta
em feia podridão a flôr da primavéra.

O peso da desgraça inmensa não se altera...
Vae nos empedernindo o peito, mas, que importa,
si é tudo um fingimento, é tudo uma chimera
que deixa para traz a nossa crença morta?!

Na taça de crystal da vida tudo amarga!
O mal vae augmentando e nunca mais nos larga
sugando-nos o sangue em rijas espiraes...

Creança ou ancião, que vale? Tudo chora
sentindo a dôr roer-lhe a vida em cada hora
na eterna gestação dos mundos immortaes!...

INSOMNIA

O tufão como um pássaro gigante
arrasta suas azas descarnadas
por sobre a folharada soluçante
que atapeta as florestas e as estradas...
Mas, tu dormes e sonhas, e, ciranda
em tua face um dulcido fulgôr,
e, não verás que o meu espirito anda
pela noite a fugir cheio de horrôr....

Entanto a tua imagem vem commigo
qual lampada votiva, doce, calma,
a illuminar as naves por que sigo
na cathedral silente da minha alma.
Penso em ti... e lá fóra, o vendaval
faz das cansadas arvores açoite,
fulguram suas garras de metal
riscando de clarões sem fim a noite.

Cabeceio abatido de cansaço;
parece que do mundo já me aparto...
Penso ouvir o ruido do teu passo
no silencio gelado do meu quarto!...

REVOLTA

Ah! soffrimento!... A lagryma que róla
tisna-me a face, pára, treme, desce,
enche meu coração, depois se evóla
na amargura vasia d'uma prece.

«O pranto, ensinam, é a grande escola!»
Porém, si todo mundo empallidece
sugado pela agrôr que me consóla
saber, si eternamente se padece?!

Que vale a cruz que levo sobre os hombros
si verei sempre em sórdidos escombros
o que a dôr me ensinou horas atraz?!

Que valerá descer o precipicio
soluçando, si todo o sacrificio
é sempre esteril para quem o faz?!...

BALLADA DOLOROSA

O manto roçagante da tormenta
se arrasta pela terra em convulsão.
Passa ao longe, sublime, lenta, lenta,
a queixa dos que vêm e dos que vão...
Suspiros mornos de almas deslumbradas,
vozes das cousas, risos lutulentos
que vão morrer nos ermos e quebradas
num grande carrilhão de soffrimentos...

A cidade grandiosa, peregrina,
olha medrosamente os esquadrões
da borrasca, chorando na neblina
pelo olho embaçado dos lampiões...
Os postes silenciosos, contristados,
espelham-se no asphalto; a voz dos ventos
tem risos e tem prantos chocalhados
num grande carrilhão de soffrimentos...

Como prismas de vidro a chuva desce
tamborillando com monotonia,
como si fosse uma cansada prece
dentro do templo bravo da invernia,
enquanto ao fundo o harmonium da saudade
váe desferindo sons e desalentos
de um crepusculo heril na immensidade,
num grande carrilhão de soffrimentos...

As vidraças ao ronco da procella
têm reflexos de lucidos vitraes...
E a noite ensanguentada negra, véla...
As ondas são immensas cathedraes
erguendo para o céo como zimborios
o punho dos terriveis elementos,
embora, o mar após, triste, devore-os
num grande carrilhão de soffrimentos...

Vem saltando a agua e golfos da gotteira...
Ha faiscas no céo a todo instante,
e dobra-se tranzida uma palmeira
como velha mendiga agonisante...
O relogio impassivel dá dez horas,
e, esses sons coloridos, pardacentos,
enchem o céo e o mar, de alvas dolóras
num grande carrilhão de soffrimentos...

Offerenda:

Na minha alma ha procellas horrorosas,
mas eu ouço entre as pragas e os lamentos
a ballada das horas dolorosas
num grande carrilhão de soffrimentos...

VIGILIA

Horas mortas da noite... Apuro os meus ouvidos...
Lá fóra tudo dorme e sonha calmamente;
apenas, de hora em hora, indecisos, tranzidos,
uns sons descem da velha egreja decadente.

No fundo do meu peito em horridos rugidos
eu ouço o coração descompassadamente...
A dúvida me agarra... e cheio de bandidos
o quarto me horripilla... e cada cousa sente

um fremito de riso!... Emfim, extenuado,
não quero ver mais nada, e, só, anniquilado,
esqueço da minha alma e do meu coração...

Mas, dentro do meu craneo escuro, infecto, em pús,
trabalha o pensamento a procurar a luz
que nunca encontrará, oh! nunca! Maldição!

A CAMINHO!

Olho o mundo do canto da janella
na penumbra silente e grandiosa
da tarde côr de pérola e de rosa...
O silencio eloquente da tristeza
os páramos distantes, triste, vela
e se despe para o somno a natureza...

Sobe e se enrosca em languidos colleios
pelos galhos da tarde feiticeira
a florida e tenue trepadeira
do sonho... Sob a immensa cathedral
do crepusculo o incenso em devaneios
desenha ao longe um vago madrigal.

Vão desaparecendo inponderaveis
as côres, as visões, a luz e a vida,
desabrocha no céo uma ferida
luminosa... Tremulo scintilla
um punhado de estrellas impalpaveis
na quietude da cúpula tranquilla.

Na colcha nupcial da noite quente
ellas todas se envolvem a tremer
tiritando de frio e de prazer...
Troncos seccos nos fundos socavões
de braços hirtos resam vagamente...
Riem-se os laranjaes em florações...

Accorda agora a minha phantasia,
municia o cantil do coração,
toma a esperança eterna bor bordão
e caminha acossada pelo açoite
das saudades que estão em agonia
no leito immenso e lúrido da noite!...

O PRETO

A dôr crystallisada em negra sujidade;
manchas de gangrena em frente ao sol-nascente,
a synthetisação do agrôr de uma saudade,
o vulto da descrença andando em torno a gente...

E' tudo que ha de triste em meio á humanidade:
a morte, o desengano, o doido, a delinquente,
os orphãos, o assassino, a eterna realidade
no eterno carnaval de todo orbe vivente.

A voz cheia de ardencia... O soluçante grito
do aráuto do sepulchro; o funebre emissario
dando a veste talar ao tétrico precito!

E faz pensar tambem á gente descuidada
no pouco que lhe adeanta o officio de falsario,
no tudo que foi tudo e... que não é mais nada!...

CINZA

Viageiro que vaes no meu caminho,
devagar, devagar, bem de mansinho
transponhas a soleira deste abrigo
em que me ponho a rir dos teus tyramnos,
que não vás despertar os desenganos
porque elles seguirão todos contigo...

ARIA FUNEBRE

Que importa que os bichos rôam
as formas que se esborôam
na penumbra tumular ? !
Nossa alma ? ! . . . nem sei, amigo,
si ao fundo deste jazigo
virá tambem fermentar ! . . .

Em podridões delecterias
os vermes pelas arterias
esperimentam o tacto,
e a accendem em cada craneo
num sacolejo instantaneo
o riso que de um fogo-fátuo !

Morrer! Que importa morrer?!
O doloroso é não ser
completo o nosso abandono:
para cada receptáculo
surge uma bocca, um tentáculo,
cheios de fome e de somno!

Viver! Viver, que mentira!
Tudo crêma-se na pyra
da illusão, e, morre aos poucos!
Viver é fechar os olhos
deixar carnes nos abrolhos
e caminhar como loucos

sentindo que a morte espia
do tópe da serrrania
toda nossa caminhada,
e, collada aos nossos passos
vem devorando os pedaços
que cahiram pela estrada !

Depois . . . morrer não me pésa
si junto ao leito uma resa
fôr levantada por mim,
tendo o consolo infinito
de escutar o mudo grito
de algum Christo de marfim . . .

CINZA

Que dôr immensa! Tudo isto que fiz
achei bom, acho máu, será peior,
dizia tanto e agora já não diz!
Emquanto leio e torno a ler, a esmo,
vejo que fica cada vez maior
o vasio que leva de mim mesmo!...

ADEUS

Tú vaes partir, entanto, as almas soluçantes
dos factos mortos, vêm, ao brado da agonia
de mil recordações destes curtos instantes
bailando em cada noite e em cada novo dia...

Deitada sobre nós, empallidece, esfria,
a imagem do presente... Alguns minutos antes
commigo ella correu do mundo a extensa via
e agora em seu olhar ha sombras mendigantes...

O harmonium da saudade armado em crepe chora
e quéda o coração estrangulado emquanto
contemplo ires-te andando a pouco e pouco embóra...

Mas... nada levarás deste infeliz recanto!
Tú mesmo ficarás commigo de hora em hora
no tédio liquefeito horrivel do meu pranto!...

BALLADA NOCTURNA

Lá fóra a noite calma, misteriosa,
estende as azas negras sobre o mundo:
vaga pelo ar um leve odôr de rosa,
estrellas vagam pelo céo profundo...
Sóbe das cousas silenciosamente
um gemido de dôr, uma ballada
feita de ancia... Toma a alma da gente
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada...

Vejo nos vãos surgirem em frouxeis,
indecisas, a rir e a soluçar,
como columnas de aureos capiteis,
visões de amôr, ou sonhos ao luar,
as estatuas da crença, as esperanças
que me guiaram pela minha estrada
e me deixaram junto a umas lembranças
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada...

Appareces tambem, sinto os teus olhos
fitarem-me nas trevas, o pavôr
sem egual que me inspiras, e os abrolhos
que ostentas no sorriso tentadôr.
Tenho sonhos inmensos e sem fim
e os vejo corôar-te em revoada,
mas, de braços erguidos para mim,
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada . . .

Sinto o fallar do teu roupão de sêda
e de pennas macias, tacteantes...
Vem, visão, para o centro da alamêda
do sonho por alguns curtos instantes ;
levanta esses teus olhos immortaes
para o cimo da côma, deslumbrada,
verás apparecer como em vitraes
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada . . .

Vem commigo, acompanha-se visão,
rastejando, attenta ao canto amargo
das almas que repousam pelo chão
petrificadas num minaz lethargo ...
A floresta concentra-se, não ousa
mecher-se como casa abandonada,
mas eu vejo no olhar de cada cousa
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada...

Offerenda:

Quando um dia eu morrer esses pharóes
dos teus olhos me voltes, minha amada,
e verás no meu peito como sóes
a saudade, o nirvâna, o tédio, o nada . . .

VERDADE PROSAICA

Com que direito as mãos alças em prece?
Trabalha sempre mas não reses nunca!...
Durante o dia súa e desfallece
e depois lá ao fundo da espelunca

abraça a fome e sobre o chão esquece
o teu viver, sentindo a garra adunca
de desventura em promissôra mésse
pesar-te n'alma, mas, não reses nunca!...

Porque resas?! Seria a atroz pilheria...
Resar?!... A quem, sentindo o horror tantalico
do manto rôto e sujo da miseria?!...

—

A alma dos homens é um dóllar louro
a voz das gentes um tinir metallico,
e o Deus do mundo um amulêto de ouro...

CINZA

Anniversario! Um anno mais vivido!
Um anno menos tenho que viver!

Em cada comprimento recebido
« Felicidades mil! » tenho que vêr...

Das « mil felicidades » eu queria
apenas uma só (os desenganos

não são tantos assim) desejaria
nunca ter mais do que dezoito annos...

CANTO DO CYSNE

. . . e o poeta unindo a filha ao noivo
num grande abraço fallou :

«O fim que se aproxima... o fim do immenso dia!...
Pela alvorada eu fui subindo a azul montanha
cheia de sonho e luz... ah! cheia de harmonia,
e, agora, a luz só minhas costas frias banha...

Mas, já passou... Irá findar minha agonia!
Sobre a campina eu vejo a lage branca, estranha,
—flôr do crepúsculo alva, heril, grande e... vasia, —
descanso, paz, confôrto, a recompensa ganha!...

Amae-vos com ardôr, ó meus pobres filhinhos;
a vida é noite escura, immensa, impenetrada
e o amôr é um pharol em todos os caminhos!...

Lembrae-vos que morri cantando, sem lamento;
vivei serenamente até que o grande nada
em tudo nos reúna para o esqueçimento!...

CINZA

«O' homem que passaes de alma suspensa,
trôpego, triste, pobre de dinheiro,
pobre de luz e amôr, pobre de crença,
encontrareis em mim um companheiro...»

Torpe mentira! Como si o egoismo
não me impellisse, tétrico tufão,
para o fundo commum do negro abysmo
que chamamos vaidade, ou ambição!...

REALIDADE

Cahi pesadamente sobre a cama...
Ella rangeu a ossada desegual...
O somno me abraçou... Soprei a chamma
que tem meu craneo como castiçal.

Sonhei que era cadaver... Uma escama
nojenta me roçava no frontal...
Vermes em sanie immunda, em pús, em lama,
faziam no meu corpo um recital...

Dentro em meu coração apodrecido
formigava um milhão... Em minha bocca
um milhão formigava comprimido...

Accordei!... Ao longo dos caminhos
os homens, numa fome eterna, louca,
roiam a minha alma aos bocadinhos!...

CANTO SINGELO

Eu quero que a minha morte
seja por um arrebol,
assistida pelo sol
bem ao centro do sertão;
que emquanto para o infinito
do nada minha alma róla
cada galho é uma vióla
cada tronco um coração...

E, quando eu morto descanse
no grande aniquillamento
que fique ao sabor do vento
na paz eterna dos campos,
pois, o sol virá de dia,
e á noite a chuva de estrellas
e a lúa... e ...si perdel-as
darão luz os pyrilampos!

Até que, em humus da terra,
o meu corpo se transforme
na côma possante, enorme,
de enluctados cyprestaes,
e eu sinta depois de morto
a alegria vegetal
de, quando vir um mortal,
gemer e... não parar mais...

A MIM MESMO

Dá grandes gargalhadas de palhaço!...
Olha, no mundo o povo é uma féra
que come riso e... o riso é o bagaço
das almas espremidas!—Destempera

os teus esgares tortos! A megéra
da realidade aguarda a cada passo
a plebe que está rindo... e é chimera,
quem está rindo és tú, pobre palhaço!...

Róla e saltita pelo picadeiro,
por fóra com teu riso de truão,
por dentro com teu riso zombeteiro!...

Faz da magua bocejos de alvaiade,
faz da lagryma escarros de zarcão,
e serás como toda a humanidade!...

A CORUJA

Velha coruja, vulto solitario
que ri de tudo, a sós, sem compostura,
e que desfere sobre o campanario
a gargalhada ao som da desventura...

Ao pegureiro diz: « É extensa a agrura! »
Ao homem vil atira: « Váe sicario! »
Ao bom segreda: « O teu soffrer perdura!... »
Diz á creança: « Esconde o teu sacrario. »

Essa coruja falla francamente
uma verdade nüa a toda gente,
aos bons, aos máos, aos crentes e aos atheus...

Sobre ruinas, horas, dias, annos,
ella nos mostra á luz dos desenganos
a maldição e a cólera de Deus!...

THEMA BATIDO

Inverno... O sol toldado, arfando de agonia
tombava lentamente... Um dobre funerario
errava na campina... Escura, hirta, se erguia
a torre phantasmal de um velho campanario...

O ombú erguendo em prece a núa romaria
lá estava na collina altivo e solitario;
sustinha com desvelo e á luz da tarde erguia
a sombra de uma folha a guisa de sudario...

Mas não poude arrancal-a á furia atroz dos ventos!...
Fugiu-lhe a má deixando-o só sobre a planura
ao rijo sibilar de rijos soffrimentos!...

O ombú lá jaz agora em meio do estendal
erguendo os braços nús, estatua da amargura,
na petrificação de sua alma vegetal!..

A ESMÓLA DA CHUVA...

A chuva nos apalpa mansamente
com seus dedos de humidos crystaes,
e, passa um arrepio pela gente
todo feito de beijos virginaes...

Tirita retranzida uma creança
sentada a uma soleira, pobresinha!
Fosse uma planta verde de esperança
e o bosque ampararia a creancinha
sob um galho, uma frança, uma liana!...
Mas, qual! fructo da torpe humanidade,
fructo fatal da grande febre humana,
fructo maldito, ré da iniquidade
de nascer na galé torpe do mundo...

Terás como destino o soffrimento,
e, em teus irmãos o ódio mais profundo;
pobre creança, como te lamento!...

***

O' crentes que subis este calvario,
e que sabeis o mal todo da vida,
paráe! Que nunca mais um campanario
annuncie na calma compungida
da campina, algum róseo noivado,
ou, que algum veiu á luz grande do dia
expandir seu olhar de deslumbrado,
e sentir de hora em hora uma agonia!

O amôr é a mentira côr de rosa
que tem principio e fim no mesmo beijo,
deixando em nossa fronte dolorosa
mundos de tédio e cinzas de desejo!...

***

—Eu sei que inda existis, ó sonhador,
que fazeis de um olhar um roseiral,
que viveis a pensar que o vosso amor
é supremo, é sagrado, é immortal!...
Eu vos respeito, ó almas que as tormentas
deixam livres em meio da floresta,
almas grandes, sublimes, alvacentas,
como o som de um harmonium numa festa!

E desejo que a atroz realidade
não vos bata um dia á fragil porta,
não vos fira o acúleo da verdade
e nunca acheis nenhuma rosa morta!
Mas ... ninguem nega, a vida é dôr e lucta,
e todos soffrem muito sobre a terra,
lagrymas da lagryma impolluta
que o véo da vida toda lhes descerra!...

***

Com que direito, ó homem, tú arrancas
do nada as creancinhas innocentes,
e aqui deixas as suas almas brancas
sósinhas, cruciadas, padecentes?!?

Um nada de prazer irreflectido
e atiras a esta lobrega mansarda
uma bocca p'ra o teu pranto partido
e dois olhos immensos para guarda
e castigo de tudo que fizeres...
Oh! brandos olhos humidos de pranto,
cheios de crença como os malmequeres,
que vos seguirão por todo o canto!...

***

A infeliz continúa recostada
á soleira molhada, tiritando;
abre a mão como um lyrio para a estrada
e os olhos põe no céo cinzento brando...

Nenhuma esmóla ainda!... Ninguem passa...
E a pobresinha immovel, nunca, nunca
mais se mecheu... Morta, era como a graça
do céo á porta infecta da espelunca...

A chuva enche-lhe a mão de diamantes
e entôa nos beiraes um dulcido hymno;
a brancura dos lyrios espirantes,
véla-lhe o corpo fraco e pequenino.

ARIA BANAL

Amor! antigo e novo prosaismo!
Foste o meu passado, és o meu presente!
E, si me foges, abre-se um abysmo
sob os meus pés de cego impenitente!
E' por isso que fico a noite inteira
pensando em mim, em ti, em toda gente,
na tragédia recondita, inclemente,
da vida tediosa e rotineira...

Pensei que tú serias novidade,
que nunca sobre a terra houvera egual,
e, no final, és materialidade...
és egual ao de todos... e... és banal!...
Toda mulher, alfim, é preciosa,
não é feita de sonho e de crystal,
não é a imagem para a cathedral
da minha indifferença dolorosa!

Na sêde de infinito, sêde nova
de luz e novos mundos promissôres,
como dóe repousar na mesma cóva
em que dormiram meus antecessôres,
e em que, d'aqui ha alguns fugazes dias,
virão tambem parar meus successôres,
sem nada ver de novo, nem as dôres,
nem as tristezas, nem as alegrias!?...

Si essa lúa que me olha lá de cima
e parece uma gotta deslumbrada
de orvalho a tiritar, e, que se arrima
na corolla da noite escancarada,
já foi vista por tanta geração
com meus olhos de febre allucinada,
e, si ha risos e prantos pela estrada
e, ella p'ra todos tem inspiração?...

Que vale este silencio inquiridôr
que eu tenho dentro d'alma arfante quando
o sol como uma lagryma de dôr
na pálpebra da tarde balouçando
nos ensina que tudo é amargura,
si amanhã voltará, grandioso ou brando,
illuminando tudo, illuminando,
n'uma alleluia immensa de ventura?!...

Porque esta agonia que me anceia?..
Querer que os outros saibam como eu faço,
querer que os outros vejam sobre a areia
alguns signaes de lucta quando passo?!...

—

Vaidade, homem, vaidade, só vaidade...
e... até isso é tambem banalidade!...

RONDA HEROICA

A ABILIO BORGES

MEU MESTRE
NA VISÃO DOLOROSA DO MUNDO

Jardineiro, jardineiro
que plantaste uma roseira
nesse azulado canteiro
do horizonte, vês ? ! Primeiro
uma rosa albente, núa,
da roseira que plantaste
subindo sempre ? é a lua !
Embóra não vejas a haste,
olha, as folhas côr de prata
no céo se vão estendendo
numa silente cascata
de nuvens ! E eu irei vendo
os botões desabrochando
timidos, tacteantes,
—as estrellas—semelhando
um roseiral de diamantes !

Jardineiro de um thesouro,
accorda, as sombras inspiram,
vem olhar os botões de oiro
que se abriram, que se abriram !...

CANTO DE GLORIA

Aos heròes Injustiçados

Exaltação

Rosas de sangue cubram a epopéa!
Rosas de som exaltem os heróes,
os que tombam á luz d'alguma idéa
desnastrando os bulcões em arrebóes!...

Rosas de luz vicejem nas batalhas!
Rosas de pó adornem os soldados,
os que têm n'amplidão suas mortalhas
de bandeiras e symbolos quebrados!

Rosas de fogo tenham os que param
fitando a face lucida da gloria,
e a immensa multidão dos que passaram
desconhecidos, pobres, sem historia!

Rosas se dêm a todos os velhinhos,
almas brancas de bravos e de paes,
os que plantam á beira dos caminhos
roseiraes de saudades immortaes!

Gloria ás mães que plasmaram seus desejos
na visão auroral da heroicidade,
e fizeram florir por entre beijos
filhos grandes no amor e na bondade!

Rosas de lucto guardem as esposas
que enviam para a lucta os companheiros,
e ficam ao depois junto das lousas
molhando em lagrymaes os seus canteiros!

Rosas de vida a todos os que choram,
aos bons que soffrem e aos que soffrerão,
e as lagrymas que as faces lhes descoram
sejam rosas emfim de coração!...

Rosas de oiro em honra dos que cáem
por tudo que ha de bom e de immortal!
Rosas de oiro em honra dos que sáem
do mundo coroados de ideal!...

Visão

Sôa o clarim na esplanada
convidando a retirada
os covardes e os heróes,
confundindo na derrota
n'uma egualdade ignota
grandes sombras, grandes sóes!...

—

Novo clarim! é a victoria,
que passará pela historia
coroando os vencedores
nas sangrentas bacchanaes
d'esses prélios immortaes,
sinceros ou trahidores...

Olhos immoveis e baços
como humidos pedaços
de carvões e de alabastros,
e que guardam lá ao fundo
o sonho de um outro mundo
todo enfeitado de astros!...

A noite desce e se espalha
sobre o campo de batalha..,
Os mortos lá estão a olhar
a multidão das estrellas,
fixando-as mudos, sem vel-as
sob o encanto do luar!...

Alto relevo

Quando um dia alli passares
firma bem os teus olhares
ó cansado viageiro,
e verás crescendo ao lado
da caveira do soldado
um grandioso loureiro...

E vão desfilando assim
aos soluços do clarim,
gerações e gerações,
e, pela estrada de todos,
mil applausos, mil apôdos,
corações, e corações...

Fica o campo solitario;
triste o sol no campanario
da tarde... todos passaram!...
Unge a paz os velhos prados
e jazem aureolados
pela sombra os que tombaram...

Gerações desconhecidas,
inimigas confundidas
pelo compasso final
da grande peça da vida...
E... ficam á luz perdida
da lampada vesperal!...

E á tarde de todo o dia
na crepitante agonia
dos mundos em gestação
verás sorrindo e chorando
o loureiro coroando
suas frontes pelo chão ...

Pára um pouco, medita alguns instantes;
todo o solo que pisas, viageiro,
foi sagrado por luctas escaldantes,
cada ramo que vês é de loureiro!...

As órbitas de um bravo estão te olhando!...
Pára um pouco, medita, pegureiro,
não profanes o solo aqui passando!...

. . . .

Offertorio

Rosas de sangue cubram a epopéa ! . . .
Rosas de som exaltem os Heróes,
os que tombam á luz d'alguma idéa
desnastrando os bulcões em arrebóes ! . . .

CANTO BARBARO

Aos heròes de Marrocos, os libertarios do Riff

Perspectiva

Dorme o deserto o somno secular!
Do cimo a lúa estende de atalaya
as baionetas brancas do luar
pelo areal immenso de cambraia...

Como um gemido grande, dolorido,
vem das entranhas humidas da noite
um clarim, um rebate, um alarido,
um protesto, um insulto e o rijo açoite
do canhão que morde o dorso arfante
dos areaes sem fim! Tribus bravias
fogem! O beduino audaz, errante,
espreita sobre as ermas serranias!

***

Exodo

Eis um cortejo que chega... Vem descendo
a encosta de vagar, vem vindo perto,
como uma sulamita se escondendo
sob o lençol da lúa e do deserto!...

Mulheres lindas, velhos e creanças,
com seus vestidos brancos e compridos
passam gemendo sob as raras franças
dos palmeiraes esguios e torcidos!

Do cocoruto trefego das dunas
que elevam vélas tumidas de areia,
e, parecem heraldicas escunas
esperando monção ou maré cheia,
o vendaval descansa em exhaustão;
com o dedo da brisa na planura
desenha o plano de destruição
num antegoso de tétrica ventura!...

***

As multidões que passam, gemem, choram,
e, n'essa dôr não ha como contel-as!...
As lagrymas que as faces lhes descoram
galgam o céo, transformam-se em estrellas!.,.

***

Entre os dedos da noite illuminada
como uma oração que não foi dita
ou fragil rosa mal desabrochada
andeja uma canção triste, infinita!...

Queixa

«Libertadôr, porque tardas?
as esphynges como guardas
já não nos defendem mais!
Os estrangeiros tyrannos
ergueram braços profanos
contra os deuses immortaes!

O Deus d'elles é mais forte!
Senhor da vida e da morte
vive a cata de um thesouro;
derrubou nossos altares
e profanou nossos lares...
— o Deus do estrangeiro é... o ouro! —

Allah! Allah! Tuas leis
que são certas e crueis
esquecemos, por desgraça!..,
Mas, o estrangeiro fallou
num Rabbi que se matou
para remir nossa raça...

Mentira! E' tôrpe o evangelho
que ao contacto do ouro velho
diz tudo que lhes convém!
Que é a civilisação?!
mal disfarçada ambição
e... covardia tambem!...

« E' barbaro o povo todo,
filho do alcouce, do lôdo,
demos-lhes fome e grilhões,
(dizem elles) é preciso
dar-lhes cordura e juizo
com chibata e . . . batalhões!... »

Clarim

Libertador! Porque tardas?
As esphynges como guardas
já não nos defendem mais!
Os estrangeiros tyrannos
ergueram braços profanos
contra os deuses immortaes...

Epopéa

O deserto esbranquiçado que dormia
no seu immenso e tétrico lethargo
despertou-se... de cada serrania
um heróe surgiu, e, a passo largo
ouvindo o estrallejar da areia quente
na alegria gloriosa da alvorada
partiu! E no poema d'essa gente
um deus de bronze passa em disparada
cavalgando o corcel libertador!
Sua espada não pára! Na pupilla
tem o clarão de um sol interior
numa attitude impávida, tranquilla!...

***

(Mouro! Eu te beijo a mão ensanguentada!
Beijo tambem o pó da grande estrada
que se lavra
com canhões, com bombardas, com punhaes
ou, nas liças incruentas e immortaes
da palavra!)

*
* *

Fogo, horror, ódio, esperança
numa tantalica dança
ardem na lucta sem fim!
Como bandeira ou mortalha
enche o campo de batalha
esse lendario Abd-el-Krim!...

Avante :

Luctar! Luctar e luctar!
Nação moça deves dar
ás velhas mais uma historia...
Mouro! O povo brasileiro,
a America, o mundo inteiro,
confia em tua victoria!

ARIA FINAL

Aos juizes

O' vós que procuraes anciadamente
a belleza increada em creações,
juizes immortaes a cuja frente
deslisam vermes nús ou multidões !

Que lategaes a tétrica farandula
de gralhas e de nescios e de moucos,
que incendiaes sem pena uma girandola
fazendo que seus donos fiquem loucos !

O' vós que condemnaes quem não trouxer
os pesos, a medida, a densidade,
e que entendeis ser a Arte uma mulher
fechada num caixão em tenra edade...

O' vós insatisfeitos, curiosos,
amadores sem fim de todo o todo,
infantes dos palacios luxuosos
ou afilhados lobregos do lodo!

O' vós homens illustres, potentados!
O' vós sabios das vidas e da morte,
ou pequeninos vis, desamparados,
que só sabeis chorar e andar á sorte!

O' vós meus amiguinhos, que emprestaes
brilhos de sol ás pobres lantejoulas
dos meus versos humildes, e, que achaes
traços de genio em phrases vãs e tolas...

O' vós outros que andaes na minha estrada
esperando um descuido, um passo adverso,
de chibata na mão, mal disfarçada
sob a máscara immensa do universo!...

Fallae o que sentirdes, ouvirei
como um réo, como um pária, como um rei!..

Indice

Dedicatoria IX
Ah! Quando... . . . 1
No vestibulo 4

RONDA DAS LUZES

Dedicatoria 7
Arde o braseiro . . 9
Bendição 11
A cruz de pedra . . 12
A estrada 15
Faúlha 16
Extase 17
Aria triste. 18
Auto-oração 20
Peço-te 21
A Flôr 23
Postal á lúa 24
O Baile. 25
Eu sou 26
Circulo 28
Calma 29
A' decahida 31
Faúlha 32
Historia antiga . . . 33
Vertigem 34
Retalho de alma. . . 36
Historieta 37
Fadario 39
Canto chão 40
As brancas illusões . 41
Momento lyrico. . . 42
Velha legenda . . . 44
Confissão 45
Faúlha 46

RONDA DAS SOMBRAS

Dedicatoria 51
Forasteiro. 53
O grande livro . . . 55
Crepuscular 56
Vasio 57
Cinza. 58
Lei eterna. 59
Insomnia 60
Revolta. 62
Ballada dolorosa . . 63

Vigilia 66
A caminho 67
O preto. 70
Cinza 71
Aria funebre. 72
Cinza 75
Adeus 76
Ballada nocturna. . . 77
Verdade prosaica . . 80
Cinza 81
Canto do Cysne . . . 82
Cinza 83
Realidade. 84
Canto singelo . . . 85
A mim mesmo . . . 87
A coruja 88
Thema batido . . . 89
A esmóla da chuva . 90
Aria banal 95

RONDA HEROICA

Dedicatoria 101
Jardineiro 103
Canto de gloria. . . 105
Canto barbaro . . . 112
Aria final 119

Na pressa com que foi feita a revisão escaparam alguns erros de facil emenda.